

PRODUÇÃO
CULTURAL
E RELAÇÕES
PÚBLICAS:
ANÁLISE DO
FEIRÃO DA
RESISTÊNCIA



IV SICCAL

[GT 1 - PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E FRUIÇÃO DE BENS CULTURAIS]

Danilo do Amaral Santos Lagoeiro

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Rafaela Gil Ribeiro

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O objetivo deste artigo é apresentar possibilidades de diálogos teórico-práticos entre as atividades de Relações Públicas e a Produção Cultural, tendo como estudo de caso o evento intitulado “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária”, que ocorre mensalmente na ocupação urbana do Movimento de Artistas de Rua de Londrina (MARL), alinhada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) da região do norte paranaense.

Palavras-chave: Produção cultural. Relações públicas. Ocupação urbana. Movimentos sociais.

The objective of this article is to introduce possibilities of theoretical and practical dialogues between the activities of Public Relations and Cultural Production, having as a case study the event entitled “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária”, which occurs monthly in the urban occupation “Movimento de Artistas de Rua de Londrina” (MARL), aligned with the social movement “Movimento dos Trabalhadores Sem Terra” (MST) from the north of the state of Paraná.

Keywords: Cultural production. Public relations. Urban occupation. Social movements.

El objetivo de este artículo es presentar posibilidades de diálogos teórico y prácticos entre las actividades de Relaciones Públicas y la Producción Cultural, teniendo como estudio de caso el evento titulado “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária”, que ocurre mensualmente en la ocupación urbana “Movimento de Artistas de Rua de Londrina “ (MARL), alineada al movimiento social “Movimento dos Trabalhadores Sem Terra” (MST) de la región del norte del Paraná.

Palabras clave: Producción cultural. Relaciones públicas. Ocupación urbana. Movimiento social.

Introdução

Abordaremos o histórico do surgimento da ocupação urbana nomeada de Canto do MARL¹, como um espaço de resistência para as artes populares, que desde 2016 vem revitalizando um antigo barracão no centro da cidade, que abrigará até o final dos anos 90 a ULES (União Londrinense dos Estudantes Secundaristas).

Esse histórico da ocupação urbana será sublinhado sob a perspectiva de criação da feira agroecológica e artesanal alinhada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) da região do norte paranaense.

A sequência do texto apresenta o debate teórico sobre as Relações Públicas e a Produção Cultural, ao compreendermos-as como duas atividades humanas produtivas do campo simbólico da comunicação e cultura que podem se influenciar mutuamente, sem perder suas especificidades bem delimitadas. Aliada a essa reflexão teórica, também apresentaremos conceitualmente nossa metodologia qualitativa que se expressou através de escutas junto aos vários dos públicos envolvidos na produção e recepção do evento.

Para finalizar nossa narrativa interpretaremos as falas, os comentários das feirantes, artistas e público participante, através de todo referencial teórico-metodológico utilizado até então. Diante dessas premissas introdutórias passamos a

compreender o contexto de produção e como este sempre acaba por engendrar qualidades imperativas ao seu texto.

Histórico da ocupação urbana “Canto do MARL”

O Movimento de Artistas de Rua de Londrina (MARL) se caracteriza como um movimento cultural que integra artistas e produtores culturais de várias linguagens artísticas que ocupam os espaços públicos da cidade, assim como praças, quadras abertas, ruas, entre outras possibilidades de ocupação cultural no contexto urbano.

O MARL atua desde 2012 na cidade de Londrina, localizada no norte do estado do Paraná, e é fruto de uma articulação local de um movimento de abrangência nacional: A Rede Brasileira de Teatro de Rua (RBTR). A RBTR surgiu em 2007 na cidade de Salvador, como um movimento social com identidade suprapartidária, em rede horizontal, composta por Grupos de Trabalho (GTs), a saber: GT de Comunicação, GT de Intercâmbio artístico, GT de Pesquisa, e GT de Políticas. Desde sua criação a RBTR se organiza em fóruns virtuais de debate e articulação, além de realizar dois encontros nacionais presenciais nas mais variadas regiões do país.

As principais lutas sociais da RBTR podem ser traduzidas sob o mote geral de valorização do trabalho artístico, principalmente das artes de rua, com presença forte de articuladores do teatro de rua, da performance, da música, do circo e das culturas

1 Para saber mais sobre o MARL acesse: <https://www.facebook.com/movimentodosartistasderua.londrina/>

populares, integrando outras artes que também se expressam na estética da rua, tais como o artesanato, o hip-hop, cinema de rua, artes plásticas, entre outras. Em outras palavras, o núcleo criador do movimento não ceifou a possibilidade de novas articulações futuras com outras linguagens artísticas, já que a questão do trabalho artístico nos espaços públicos e dos afetos envolvidos vão para além somente o teatro ou do circo, mas representam necessidades organizativas para todos trabalhadores da cultura.

As pautas reivindicatórias que se articulavam em relação a valorização do trabalho de artista de rua da RBTR, podem ser apresentadas em quatro eixos: luta contra a criminalização de artistas de rua (representada pela estratégia das chamadas leis do artista de rua); ampliação das políticas públicas para cultura advindas de fundos diretos; ocupação nômade e permanente de espaços da cidade ressignificando esses contextos; promover sempre que possíveis intercâmbios independentes entre fazedores das artes de rua das várias regiões do país, com iniciais articulações latino-americanas.

A partir dessas linhas gerais de atuação em rede, o MARL passa a realizar ocupações culturais nômades em várias praças do centro e das periferias de Londrina, promovendo uma integração singular entre artistas da cidade de várias linguagens e as comunidades locais. O histórico do MARL contempla a produção de dois encontros nacionais da RBTR em Londrina, nos anos de 2014 e 2016, respectivamente.

Diante de alguns episódios de limitação e cerceamento do trabalho de artistas de rua na cidade, o MARL encampa a discussão da Lei do Artista de Rua de Londrina

durante dois anos, o que vai culminar na aprovação da Lei 12.230/2014² em 2014. O MARL começa também a produzir projetos culturais coletivos, que vão reunir grupos culturais que vinham isoladamente pensando sua produção cultural. Nessa perspectiva, o MARL produziu os projetos culturais: Ocupação Artístico-Cultural (2014); e A Maré - Festival de Arte em Movimento (2016); ambos premiados pelo PROMIC (Programa Municipal de Incentivo a Cultura de Londrina).

A partir desse histórico, o MARL desde 27 de junho de 2016, ocupa pacificamente, poeticamente e politicamente o prédio da Antiga ULES (União dos Estudantes Secundaristas de Londrina) que estava há mais de 10 anos abandonado na cidade. A estratégia da ocupação cultural já vinha sendo estruturada desde 2014, mas só sob novas imposições do contexto tal ação foi concretizada.³

O dia 27 junho de 2016 foi escolhido pelo MARL para iniciar o processo comunitário de ocupação cultural de modo articulado ao dia nacional de luta para o

² Para saber mais sobre a Lei do Artista de Rua de Londrina: http://www.londrina.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=21104:lei-municipal-regulamenta-apresentacao-de-artistas-de-rua-em-logradouros-publicos&catid=98:outros&Itemid=985

³ No ano de 2016 o Ministério da Cultura é extinto pelo Governo Michel Temer, que assume o governo nacional após realizar um golpe parlamentar arquitetado, esse contexto de desmonte das políticas públicas de incentivo a cultura impulsionaram uma série de ocupações que reivindicavam a manutenção do Ministério e suas políticas. Localmente, em Londrina, toda essa insatisfação das trabalhadoras e trabalhadores da cultura foi direcionada para experiência da ocupação cultural do MARL.

movimento de teatro de Rua. Esses atos que tomam o país desde 2013 reavivam a memória de Lua Barbosa, atriz e palhaça assassinada pela Polícia Militar (PM) em Presidente Prudente, e apontam para necessidade da implementação da desmilitarização da PM.

A experiência da ocupação que passa a ser intitulada “Canto do MARL” promove uma série de participações comunitárias em torno das necessidades surgidas a partir do ato poético e político de ocupar. O apoio de toda essa rede de articulação local, estadual e nacional à ocupação por meio de cartas de apoio, participação no cotidiano de trabalhos para melhoria da infraestrutura do espaço, além das contribuições financeiras à campanha de financiamento colaborativo viabilizaram a instalação de banheiros, instalações elétricas e reparo nas estruturas do teto do antigo barracão.⁴

Em dois anos e meio de funcionamento do “Canto do MARL” foram muitas atividades culturais, ensaios, mutirões, plenárias, aulas públicas e eventos totalizando um público de 8 mil pessoas por ano nas atividades, e mais de vinte coletivos culturais que ocupam o espaço com suas propostas estéticas. Articulado a essa intensa programação cultural que passa a revitalizar um espaço público outrora abandonado, o MARL através de sua associação assina convênios com as universidades locais (Universidade Estadual de Londrina - UEL e Universidade do Norte do Paraná - UNOPAR) para a realização de estágios e projetos de extensão/pesquisa nas áreas da psicologia, pedagogia,

jornalismo, relações públicas, história e arquitetura, garantindo aos jovens universitários uma formação com bastante contato com a arte popular e local.

O MARL em dezembro de 2018 contraditoriamente, em um contexto de agravamento do desmonte das políticas públicas de incentivo à cultura, teve a permissão de uso do espaço do Canto do MARL cedida pela prefeitura e a câmara de Londrina, representando uma legitimidade pública da experiência da ocupação. Em 04 de dezembro de 2018, a Câmara Municipal de Londrina, aprovou após duas discussões, o projeto de lei do Executivo que autoriza a outorga de permissão do prédio do MARL. Eram necessários 13 votos positivos para a aprovação. Foram 15 favoráveis, três ausências e apenas uma abstenção. O projeto era para ter sido votado antes, mas alguns empresários da região da Avenida Duque de Caxias, local onde está localizado o imóvel, mostraram algumas preocupações. Portanto, os artistas, apoiadores e articulares do MARL, recolheram mais de quatro mil assinaturas, demonstrando o apoio da comunidade londrinense com a ocupação. Também foram realizadas reuniões com os comerciantes, de forma transparente, para garantir que todos estivessem em pleno acordo diante da controvérsia pública surgida.

Bem antes dessa legitimidade pública, o MARL se aproximava do intercâmbio frutífero com a cultura camponesa, a agricultura familiar, as pautas da reforma agrária e modos de organização de base. Em 2013, a experiência de organização da Mostra MARL no Campo realizada no Assentamento do Eli Vive em Lerroville, Londrina, já sinalizou possibilidades organizativas mais contínuas para as duas

4 Mais informações sobre a campanha de financiamento coletivo no link: <https://benfeitoria.com/okupamarl>

coletividades. Somada a essa breve experiência, o projeto do evento teve a participação de outras entidades mais antigas que mantinham em Londrina uma rede solidária com o MST, tais como o Sindicato de Jornalistas de Londrina, sindicato dos bancários, sindicato dos professores universitários e da rede básica de ensino local, entre outras entidades trabalhistas da cidade.

Na sequência, iremos refletir sobre alguns conceitos teóricos que visualizamos na experiência prática já mencionada. As linhas do desejo que se engendram nos próximos tempos históricos no Brasil para a resistência cultural são incertas, porém nossa metodologia afetiva e afetada qualitativamente, produz diálogos teóricos concretos permitindo que possamos adentrar a este debate a seguir.

Produção cultural e relações públicas: diálogo teórico-prático e as artes populares

A proposição do debate conceitual reside na reflexão sobre o mundo do trabalho nas áreas profissionais da produção cultural e das relações públicas inseridas na interface da comunicação e cultura. A abordagem metodológica propõe um diálogo entre essa discussão teórica e dados qualitativos vivenciadas nos próprios eventos do “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária” através de algumas conversas com feirantes, artistas e o público em geral.

Entende-se como produção cultural o trabalho humano de organização dos

processos e procedimentos envolvidos em todas as etapas de produção de bens materiais e imateriais ligadas ao cultivo das artes e cultura em geral, no ambiente da economia criativa contemporânea e do sistema cultural complexo (RUBIM, 2005; CANCLINI, 2016).

No caso do referido evento do “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária”, podemos perceber que todo trabalho de organização das atividades está inserida na definição de produção cultural, desde as atividades mais administrativas, organizacionais de gestão cultural como reuniões de planejamento e avaliação, reuniões de produção de projetos culturais, compra de materiais para feira, produção de multimídia em comunicação para o evento, até as próprias apresentações culturais de um universo de linguagem diversificado, desde capoeira angola, teatro de rua, performance LGBTI⁵, artesanato diverso, hip-hop, cordéis musicados, artes plásticas, música independente, samba feminista, teatro, dança afro-brasileiras e indígenas, contação de histórias do imaginário popular brasileiro, entre outras expressões culturais.

Segundo Néstor Garcia Canclini, essas expressões culturais de origem popular vão se transformando com o tempo histórico, e com o avanço técnico da comunicação midiática, no entanto, o antropólogo argentino define provisoriamente e sempre sob análise concreta a intitulada arte popular que dialoga com a produção cultural e os relacionamentos com os públicos do referido evento em análise:

5 Sigla para agregar pessoas do universo das comunidades de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transsexuais e Intersexuais.

Arte popular – produzida pela classe trabalhadora ou por artistas que representam seus interesses e objetivos, põe toda sua tônica no consumo não mercantil, na utilidade prazerosa e produtivas dos objetos que cria, não em sua originalidade ou no lucro que resulte da venda. A qualidade da produção e a amplitude de sua difusão estão subordinadas ao seu uso, à satisfação de necessidades do conjunto do povo. Seu valor supremo é a representação e a satisfação solidária. Levada a suas últimas consequências a arte popular é uma arte de libertação (CANCLINI, 1984, p. 40).

Detalhando um dos debates da produção cultural, Linda Rubim ao retomar uma das categorizações sociológicas de Antonio Gramsci para a organização da cultura, diferencia três tipos de intelectuais/trabalhadores da produção cultural, a saber: 1) aqueles que criam – cientistas e artistas, 2) aqueles que divulgam – educadores e profissionais de comunicação; 3) organizam a cultura – gestores e produtores culturais (RUBIM, 2005, p. 15).

Diante desses três momentos objetivos inseridos no sistema cultural, de acordo com a visão gramsciana, a criação, a divulgação/transmissão e a organização cultural pode-se desdobrar uma complexificação dessa concepção. Antonio Albino Canelas Rubim organiza sete práticas sociais do sistema cultural complexo brasileiro a saber: 1) Criação, inovação e invenção; 2) Transmissão, difusão e divulgação; 3) Preservação e manutenção; 4) Administração e gestão; 5) Organização; 6) Crítica, reflexão, estudo, pesquisa e investigação; 7) Recepção e consumo.

Para a autora, os trabalhos ocorrem de maneira integrada, mas essas singularidades devem ser estimuladas pela pesquisa científica e pela prática profissional em produção cultural, priorizando em sua abordagem textual as questões referentes ao trabalho de quem organiza e realiza a gestão. Nesse sentido, vamos buscar percorrer no projeto cultural do “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária” percorrer todas estas etapas, priorizando também a nuance da organização do produtor cultural.

Rubim propõe o debate a partir de produtor cultural comunitário a partir do autor espanhol Adolfo Colombres, que irá produzir a crítica em sua atuação político-cultural da incapacidade de aceitar as culturas populares por impregnação de uma visão ocidentalizada de produção cultural mais colonizadora. Segundo Rubim, o contraponto do espanhol é a defesa da noção de promotor cultural como um tipo social com trabalho em comunidades de origem étnicas, indígenas e afrodescendentes; universo da prática social identificada com as culturas populares e prática militante (RUBIM, 2005, p. 22).

O produtor cultural comunitário (ou promotor cultural nas palavras de Colombres) é aquele produtor cultural que dialoga e integra os movimentos sociais, comunitários, de herança afro-brasileira, étnicos, de mulheres negras, das redes de teatro de rua, da população LBGT, de movimentos culturais da periferia, entre outros. O aprofundamento desse debate teórico nos interessa, porque estes segmentos sociais se fazem presente na experiência prática de produção do evento “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária”.

Já as relações públicas comunitárias se caracterizam por uma gestão política dos

relacionamentos com os públicos de uma organização com uma estratégia comunicacional pautada em noções como bem comum, pertencimento, participação social, sociabilidade partilhada que se expressam de modos múltiplos a resistir ao monopólio midiático que integra a luta de classes no interior da sociedade capitalista brasileira (PERUZZO, 1989;1998; 2011; SIMÕES, 2001).

Relações públicas comunitárias de um modo geral pode ter a relação com a controvérsia pública, que se caracteriza segundo Peruzzo como uma debate inserido na esfera pública, e que todas as organizações sociais enfrentam em relacionamentos com seus públicos, com desdobramentos distintos de acordo com a situação desigual da sociedade de classes sociais (PERUZZO, 1989). A controvérsia pública é contornada com mais facilidade por uma organização social com mais influência junto aos poderes econômicos, políticos, jurídicos, midiáticos e sociais; já um movimento cultural, uma associação de artistas, um assentamento da reforma agrária, uma ocupação urbana na cidade, uma terra demarcada por povos tradicionais se transformam em debates públicos que se articulam a interesses populares, comunitários, e por isso encontram mais dificuldade de articulação junto aos poderes constituídos.

Repercutindo este debate sobre a controvérsia pública o teórico brasileiro de relações públicas Márcio Simeone Henriques contribui:

Ao longo do século XX, com a eclosão de movimentos sociais expressivos e a circulação cada vez mais abundante e rápida de informações em conexão global, um dos eixos principais das atividades de Relações Públicas viria a ser a questão

das controvérsias públicas, com foco nas formas como os sujeitos se agrupam para influir no debate público. Andrade (1989:40), chamava a atenção para o desejo cada vez maior dos indivíduos de “influir na apreciação e na resolução das controvérsias de interesse público”. A preocupação central era com os chamados “grupos de pressão”. O cuidado com os públicos e com a opinião pública por parte das organizações advém de dois grandes motivos: a necessidade de justificativa pública para as atitudes privadas da organização – e, por extensão, para a sua própria existência, e a necessidade de ganhar autoridade para influir no debate público e, conseqüentemente, exercer poder social (HENRIQUES, 2006, p. 4).

A experiência de todas as atividades práticas de relações públicas comunitárias envolvidas na produção do evento do “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária” conviveram sempre com a agenda pública instituída pelo Movimento de Artistas de Rua de Londrina (MARL) através de sua associação junto ao poder público, que se mostrou por diversas vezes atravessada por uma controvérsia pública em torno da deslegitimação da experiência da ocupação de artistas de rua como invasão, vagabundagem ou que o espaço tem ‘cara de mocó’, vozes sociais essas surgidas espontaneamente ou produzidas por ação midiática com orquestração político-partidária da extrema direita brasileira local.

Surge a partir dessa controvérsia pública um foco de política de comunicação para atuação das Relações Públicas comunitárias na experiência do evento, que vai balizar criação de textos, fotografias, vídeos, cartazes, vinhetas, estratégias

de divulgação *off* e *online*, programação cultural, com todas essas atividades práticas se coletivizando entre estudantes de relações públicas e jornalismo, artistas e feirantes, que por vezes se alternam nos papéis de criadores, divulgadores e organizadores do evento. Isso sempre exigiu do coletivo que organiza o evento um planejamento das atividades dentro de uma visão de comunicação integrada, tal qual Kunsch propõe, com divisões de tarefas, suas responsabilizações e a sequencialidade de ações, mesmo que sob o pressuposto da rotatividade de atividades específicas (KUNSCH, 2003).

Partimos do pressuposto que as relações públicas comunitárias podem realizar trabalhos de produção cultural numa retroalimentação mútua que produz experiências teórico-práticas diversas e valiosas para os movimentos sociais, organizações/entidades culturais e a formação universitária. Nesse sentido, acreditamos que a área da produção cultural é uma interface possível para as relações públicas, principalmente por esse atravessamento da relação, do relacionamento comunitário como podemos perceber pelos autoras e autores trabalhados brevemente e o início dos relatos sobre a produção do evento.

Durante a vivência em torno da produção das edições mensais do “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária” nos interessa acompanhar e estimular esta interface através da participação de estudantes em estágios, projetos de pesquisa e extensão que propõe planos de estudos específicos para várias áreas científicas das humanidades, desde a arquitetura, história, psicologia, artes em geral,

comunicação e relações públicas. Neste artigo só iremos abordar a especificidade das relações públicas, já que os autores se propõe a essa delimitação.

A Universidade Estadual de Londrina oferece o curso de Relações Públicas desde 1973. O curso está vinculado ao Departamento de Comunicação, que engloba também o curso de Jornalismo. A instituição também oferece um curso de especialização em Comunicação Popular e Comunitária, para estudante que se identifiquem com o tema e possa aprofundar seus estudos e conhecimentos na área. A Universidade Estadual de Londrina fornece espaços e formações para estudos voltados à comunicação que trabalhe com movimentos sociais, o que é essencial para ampliação de pesquisas que valorizem a produção de cultura local.

A metodologia qualitativa e participante de nosso estudo se deu através de uma breve revisão bibliográfica desses autores citados da área das relações públicas e produção cultural em diálogo com análises de relatos múltiplos realizadas com os participantes da feira: as feirantes do campo e da cidade, artistas que se apresentam no evento, organizadores e os clientes durante as vivências de organização do evento.

Seguindo a metodologia qualitativa de origem latino-americana, com forte presença nas pesquisas em comunicação popular e relações públicas comunitárias no Brasil, compreende-se que o processo de comunicação deriva de uma mediação cultural, que deve buscar identificar os atores/atrizes sociais envolvidos na produção, circulação e recepção das expressões culturais e mídias em geral (GÓMEZ, 1996).

Feirão da Resistência e da Reforma Agrária: a experiência significada

O evento se caracteriza por uma produção cultural, que agrega a cultura camponesa e urbana do norte do Paraná. A primeira edição do evento foi realizada em maio de 2017. Desde então a feira, conhecida localmente como “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária”, ocorre na ocupação do MARL, das 9h às 17h, no segundo sábado de todo mês.

A atividade de Relações Públicas comunitárias se circunscreve na formação de uma comunidade específica que se compõe do encontro criativo e propositivo de integrantes do MARL (Movimento dos Artistas de Rua de Londrina), integrantes do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), integrantes do Sindicato dos Jornalistas do Norte do Paraná (SindJor), além de artesãos, feirantes e artistas de outros grupos culturais que vem realizando o evento de modo independente. A coordenação do projeto cultural e do coletivo que realiza a feira é da agente cultural e agricultora Jovana Aparecida Cestille, moradora do assentamento de Eli Vive, no distrito de Lerroville em Londrina.

“Como a gente trabalha com a agroecologia, superando a ideia da monocultura e do uso de agrotóxicos, com mais variedade promovida pela rotação de culturas isso vai enriquecendo mais a terra. E temos um projeto de soberania alimentar que inclui a precificação popular” (JOVANA CESTILLE, 2018. Moradora do Assentamento Eli Vive em Londrina, Paraná).

Vale destacar aqui, a participação de coordenação, de gestão cultural, de Jovana Cestille, agricultura familiar e artesã, ela também agrega a função de produtora cultural que foi premiada em 2018 pelo edital municipal de incentivo a bolsas de estudo na área cultural. Isso representa a articulação entre a produção cultural e relacionamento público que se assume com a premiação, que foi advindo da produção independente que se sucedeu. A produção cultural da cultura camponesa se integra a cultura urbana propondo um evento de entretenimento com politização sobre debates públicos, reforma agrária e agroecologia, além de uma formação de público pautada em um programação cultural plural, diversa e gratuita.

Os produtos vendidos no feirão vão desde a alimentos, verduras, legumes sem agrotóxicos, até laticínios, livros, bijouterias, desenhos, brinquedos e obras artísticas. O evento possui também salgadinhos, pastéis e sucos feitos na hora, dando uma sensação de feira de rua. A feira tem como o objetivo principal a valorização do produtor local e a comercialização de produtos saudáveis e acessíveis. Produtos orgânicos costumam possuir preços elevados em redes famosas de supermercados, portanto, é essencial que tais produtos sejam democratizados e comercializados de uma forma que chegue à mesa de brasileiros das diversas camadas sociais.

“O Feirão do Marl é um evento de resistência, onde cada um encontra o seu lugar e se transforma em um coletivo. O objetivo do grupo é exatamente dar fala à nossa fé, tão discriminada; É um projeto que encontra grandes barreiras quando quer se apresentar. Várias portas fechadas tentando nos

calar. Já estivemos no Feirão e fomos muito acolhidos. É um lugar que traz isso: acolhimento, conforto e muitas vozes unidas com o mesmo fim: resistir!” (CAMILA TAARI, 2018. Cantora do grupo Aruandê).

O “Feirão da Resistência e da Reforma Agrária” se tornou um espaço com possibilidades que vão muito além da comercialização de produtos orgânicos. O evento é palco para atividades culturais. As atividades são selecionadas nas reuniões que antecedem as edições e geralmente são incorporadas à programação cultural oficinas, performances teatrais, shows musicais de cantores e bandas londrinenses, discotecagem, dentre outras.

“A gente vem recebendo um público de 250 a 350 pessoas por Feirão, inclusive temos a participação de um público que por vezes não frequenta nossas atividades culturais. Isso para gente é bem importante para legitimar o espaço da ocupação, além de propiciar a geração de uma receita financeira mínima para viabilizar as melhorias e manutenções estruturais do espaço” (VALÉRIA BARREIROS, articuladora do MARL e integrante do projeto de acolhida LGBTI).

Em relação ao lucro obtido nas edições, 10% é direcionado ao MARL, para a manutenção do espaço, enquanto os outros 90% é de total direito dos feirantes. O MARL não cobra entrada para a feira e os artistas que se apresentam no evento podem “passar o chapéu”, uma prática comum no teatro de rua.

“Você vem para Feira e encontra produtos de qualidade a preços populares, isso sem falar das apresentações culturais. venho sempre e indico para amigos e amigas. Aqui

conheci o feijão andu que nunca tinha experimentado. Então até a diversidade de produtos é diferenciada neste Feirão” (KENNEDY PIAU, 2018. Professor universitário e público consumidor da feira).

A divulgação da feira acontece através das redes sociais do Movimento dos Artistas de Rua, como Facebook e Instagram. Também são colados cartazes na região da ocupação, espaços culturais da cidade e na Universidade Estadual de Londrina, que dispõe de murais adequados em seus centros de estudos para divulgação de atividades e eventos locais. Mas é notável que uma das práticas que mais ajuda na divulgação do evento ainda é o “boca a boca”. O público da feira é composto majoritariamente pela comunidade universitária de Londrina. Diversos professores e alunos da Universidade Estadual de Londrina se encontram presentes nas edições, seja para consumir os produtos ou realizar tarefas e trabalhos acadêmicos.

Eu acho muito importante a existência do espaço do Marl porque é um lugar para valorizar o produto feito a mão, o camponês, os alimentos orgânicos! É importante não haver mão de obra escrava. É um espaço de resistência, uma forma de mostrar para o capitalismo feroz como a gente pode desenvolver uma economia justa” (LUIZA MARIA, 2018. Artesã colombiana residente no Brasil há cinco anos).

Muitos artistas latino-americanos estão presentes na feira, seja comercializando produtos ou apresentando suas performances e oficinas. A pluralidade étnica e cultural do espaço permite que esses artistas sintam-se acolhidos na hora da exposição de seus trabalhos.

Considerações finais

O cenário político atual do Brasil pode ser considerado desfavorável para produção cultural e para artistas independentes. A extinção do Ministério da Cultura em janeiro de 2019, demonstra que o atual governo negligencia as políticas públicas de fruição dos bens culturais, o acesso democrático à cultura para as populações mais pobres e intenciona o silenciamento das artes populares, que acabam por se reinventar como formas de resistência cultural. Localmente, ainda persiste uma política pública municipal de incentivo a cultura, o que é reforçado pela mobilização social que setor cultural, a militância local, por vezes, adensa.

Espaços como o Canto do MARL são essenciais para que a liberdade de expressão e a arte sejam abraçadas, valorizadas, principalmente a arte popular local. Nota-se a importância da manutenção das vilas culturais do país, sejam elas ocupações ou não, para garantir aos movimentos sociais um espaço de conexão e união.

Conclui-se, que a atividade de Relações Públicas articulada a Produção Cultural colabora com a organização do evento ao propiciar coletivamente para os feirantes do campo e da cidade um espaço com múltiplos significados subjetivos que vão desde: uma formação cultural diversa e híbrida que agrega cultura camponesa e da cidade; a comercialização direta com os consumidores interessados na agricultura livre de venenos; a ampliação das áreas de atuação do profissional de Relações Públicas no contexto da produção cultural, além de um espaço de politização acerca

da importância dos movimentos sociais e suas pautas para a cidade, o campo e a democracia brasileira. ■

[DANILO DO AMARAL SANTOS LAGOEIRO]

Pesquisador do Núcleo de Pesquisa em Comunicação Popular (NCP - UEL), produtor e ator da Cia. Teatro de Garagem e articulador do MARL. É professor colaborador da UEL pelo Departamento de Comunicação na área de Relações Públicas. Atua na área de produção cultural, relações públicas e educação popular.

E-mail: lagoeirodaniilo@gmail.com

[RAFAELA GIL RIBEIRO]

Graduanda do 4º ano do curso de Relações Públicas da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Participa do Movimento dos Artistas de Rua na função de estagiária de relações públicas para a disciplina de Estágio Curricular Obrigatório.

E-mail: rafaelagilribeiro2@gmail.com

Referências

CANCLINI, Néstor Garcia. **O Mundo Inteiro como Lugar Estranho**. São Paulo: Edusp, 2016.

_____. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. SP, Edusp, 2006.

_____. **A socialização da arte: teoria e prática na América Latina**. São Paulo: Editora Cultrix, 1984.

CHAUÍ, M; CÂNDIDO, A; ABRAMO, L. **Política cultural**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. **La investigación desde la perspectiva cualitativa**. Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, A. C., 1996.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.

_____. **Relações Públicas no capitalismo cognitivo**. *Organicom*, n.15, ano 8, p.14-19, 2011.

_____. **Relações Públicas no modo de produção capitalista**. São Paulo, Editora Summus, 1986.

HENRIQUES, Márcio Simeone. **As relações públicas no complexo de administração da visibilidade pública: uma visão política**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/19864491391403963152510328704687292245.pdf>> Acesso em: 22 de janeiro de 2018.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas e Micropolítica**. São Paulo, Summus Editorial, 2001.

RUBIM, Linda. **Organização e produção da cultura**. Salvador: EDUFBA, 2005.